

Contação de histórias

Katie Elson Anderson

Tradução: Paulo Bocca Nunes

Era uma vez antes das palavras serem escritas, antes das culturas e sociedades serem observadas e analisadas, havia a contação de histórias. Contar histórias tem sido parte da humanidade, já que as pessoas foram capazes de se comunicar e responder ao impulso biológico básico para explicar, educar e esclarecer. Desenhos rupestres, danças tradicionais, poemas, canções e cânticos são exemplos de histórias antigas. Histórias transmitem informações históricas, culturais e morais e proporcionam escape e alívio da luta cotidiana para sobreviver. A contação de histórias ocorre em todas as culturas, em uma variedade de formas diferentes. Estudar essas formas requer uma abordagem interdisciplinar envolvendo antropologia, psicologia, linguística, história, biblioteconomia, teatro, estudos de mídia e outras disciplinas relacionadas. Novas tecnologias e novas abordagens trouxeram um renovado interesse nos diversos aspectos e elementos da narrativa, ampliando nossa compreensão e apreciação de sua complexidade.

O que é contação de histórias

Definir narrativa não é uma questão simples. Estudiosos de uma variedade de disciplinas, contadores de histórias profissionais e amadores e membros das comunidades onde as histórias vivem não chegaram a um consenso sobre o que define a narrativa. Os estudiosos tendem a colocar a contação de histórias dentro do tópico mais amplo do folclore, um termo também cercado pelo debate, mas geralmente aceitam ser as crenças, práticas e contos de um povo que são transmitidos principalmente através da tradição oral. A complexidade da definição de histórias continua com debates sobre os significados das palavras história e contador. Há concordância de que a narrativa, em sua forma mais simples, é o ato de comunicar um evento (ou sequência de eventos) a um público, usando palavras e/ou movimento físico.

Essa explicação simplificada da narrativa não captura a essência interativa, cultural e viva da narrativa. É necessário olhar para mais detalhes que incluem a origem da história (oral ou escrita), o Quem, o quê, quando, onde e por que da performance, o tipo de história, e as implicações emocionais e culturais do evento narrativo. Os pontos mais sutis desses detalhes são debatidos e discutidos entre aqueles que tentam fornecer uma definição de narrativa.

Texto original: *Storytelling*.

Autor: Katie Elson Anderson

In.: Rutgers University, University of Manitoba, Canada (Received 21 December 2007; final version received 14 March 2008).

Disponível em <https://rucore.libraries.rutgers.edu/rutgers-lib/44332/PDF/1/play>

Acesso em 16 de novembro de 2017.

Tradução: Paulo Bocca Nunes

(escritor, contador de histórias, professor de Língua Portuguesa, Mestre em Letras Cultura e Regionalidade. Mais informações em www.pauloboccanunes.com).

OBSERVAÇÕES

1. O texto foi encontrado na internet e traduzido sem fins lucrativos.
2. O único objetivo de traduzir o texto é disponibilizá-lo em língua portuguesa e, dessa forma, compartilhar o conhecimento sobre o tema ou assunto para pessoas que tenham interesse.
3. Os Artigos Traduzidos não fazem parte de uma revista eletrônica, nem possui ISBN. Trata-se apenas de uma forma de identificar o seu objeto de texto.
4. A autoria do texto original, em inglês ou espanhol, será preservada bem como a identificação do site em que foi encontrado o texto.
5. Não nos responsabilizamos caso o artigo original ficar indisponível no endereço eletrônico que indicamos. Essa possibilidade pode ocorrer e isso foge da nossa competência.
6. Buscou-se fazer uma tradução a mais próxima possível do texto original, sem fazer adaptações.
7. Quando houver necessidade de esclarecimentos em alguma parte do texto, haverá anotações de rodapé com a observação (N.T.), creditada ao tradutor.
8. Solicita-se que, caso for usado este artigo para qualquer fim, sejam feitas as referências ao autor do texto original, o título original, bem como ao tradutor e o endereço eletrônico em que estará disponibilizado tanto o texto original quanto o texto traduzido.

ESCLARECIMENTO DE TRADUÇÃO

1. Optamos por traduzir a palavra "storytelling" para "contação de histórias" para sugerir a ideia de contar uma história usando palavras faladas de forma performática, ou em caso de contar através de linguagem de sinais ao vivo que por si só já é performática. Também pelo fato de nos referirmos a "contador(a) de histórias" (storyteller) como aquela pessoa que se dedica à "contação de histórias".
2. Em alguns textos, há expressões que traduzidas ficam: "narrativas orais", "narradores orais", "tradições orais" ou qualquer outra expressão que esteja relacionada a esse tema. A tradução será de acordo com o contexto.

Tradicional vs. Não Tradicional

Grande parte do debate na definição de contar histórias deriva da aceitação ou negação dos diferentes tipos de narrativa. Alguns estudiosos aceitam apenas as formas tradicionais de contar histórias, as estritamente orais; ou seja, comunicação não escrita de uma história que sempre foi transmitida oralmente, nunca escrita. As formas tradicionais de contar histórias são consideradas formas não adulteradas de tradição oral, histórias compartilhadas dentro de um grupo transmitido através das gerações por pessoas consideradas especialistas na contação do evento. As histórias dessa tradição são culturalmente significativas, muitas vezes religiosas ou espirituais e profundamente ligadas às tradições da comunidade. Na contação tradicional, geralmente há um contador treinado e experiente ou um contador de histórias profissional. Exemplos de narrativas tradicionais são mitos e lendas. Formas não tradicionais de contar histórias podem ser contadas por não profissionais, abraçar diferentes métodos de entrega e apresentar histórias que não são necessariamente apenas tradições orais. Exemplos contemporâneos de narrativa não tradicional são lendas urbanas, narrativas pessoais ou narrativas vernaculares e histórias originais criadas por um contador de histórias.

Oral vs. Escrito

O conflito entre oral e escrito está muitas vezes no centro da luta para definir a narrativa. Os puristas alegarão que contar histórias é apenas a continuação da tradição oral, excluindo quaisquer textos que tenham sido escritos. Essa exclusão, no entanto, é difícil, considerando que muitas tradições orais antigas foram escritas para serem preservadas e nunca foram estudadas em sua forma oral real. A única maneira pela qual a cultura moderna tem acesso a tradições orais como o poema épico, *A Odisseia*, é através de sua versão escrita. Walter Ong explora as relações entre oral e escrito em seu livro *Oralidade e Cultura Escrita*, que é frequentemente citado por estudiosos atuais que procuram apresentar distinções entre narrativas orais e escritas. Esses estudiosos exploraram e apresentaram termos como literatura oral, literatura narrativa e tradição literária para distinguir o oral do escrito. O folclorista Jack Zipes (1994) aponta que a tradição oral não foi substituída pela tradição literária, mas há evidências de que as tradições literárias são influenciadas pela tradição oral. Stith Thompson (1951) também fala em seu livro sobre a dificuldade de separar tradições escritas e orais. Uma tradição puramente oral na narrativa não apenas exclui tradições escritas, mas também novas visões de novas tecnologias. É geralmente aceito que simplesmente ler um texto não é contar histórias. No entanto, tomar esse texto e respirar a vida durante uma performance é considerado por alguns como um evento tão narrativo quanto uma lenda oral. O conflito entre oral e escrito está muitas vezes no centro da luta para definir a narrativa. Os puristas alegarão que contar histórias é apenas a continuação da tradição oral, excluindo quaisquer textos que tenham sido escritos. Essa exclusão, no entanto, é difícil, considerando que muitas tradições orais antigas foram escritas para serem preservadas e nunca foram estudadas em sua forma oral real. A única maneira pela qual a cultura moderna tem acesso a tradições orais como o poema épico, *A Odisseia*, é através de sua versão escrita. Walter Ong explora as relações entre oral e escrito em seu livro *Oralidade e Cultura Escrita*, que é frequentemente citado por estudiosos atuais que procuram apresentar distinções entre narrativas orais e escritas. Esses estudiosos exploraram e apresentaram termos como literatura oral, literatura narrativa e tradição literária para distinguir o oral do escrito. O folclorista Jack Zipes (1994) aponta que a tradição oral não foi substituída pela tradição literária, mas há evidências de que as tradições literárias são influenciadas pela tradição oral. Stith Thompson (1951) também fala sobre a dificuldade de separar tradições escritas e orais em seu livro. Uma tradição puramente oral na narrativa não apenas exclui tradições escritas, mas também novas visões de novas tecnologias. É geralmente aceito que simplesmente ler um texto não é contar histórias. No entanto, tomar esse texto e respirar a vida durante uma performance é considerado por alguns como um evento tão narrativo quanto uma lenda oral.

Formal vs. Informal

Descrições de contação de histórias são geralmente de eventos formais, como o bardo cantando um poema épico ou um ancião ensinando às crianças a história da criação. Os primeiros estudiosos e alguns contadores de

histórias profissionais enfatizarão esses eventos formais em suas discussões sobre narrativas. No entanto, também existe o ato não menos importante de contar histórias informais. Um evento formal de contar histórias ocorre quando há um público que se reúne com o propósito específico de ouvir uma história. O contador de histórias seleciona histórias específicas para compartilhar com o público esperado. Exemplos de narrativas formais incluem poemas épicos realizados em teatro, idosos em uma comunidade compartilhando experiências com os membros mais jovens, professores contando histórias em sala de aula, histórias de fantasmas de acampamento e festivais de contação de histórias. Contação de histórias informais é o tipo de narrativa que acontece todos os dias. Todos são contadores de histórias informais. Recontando os eventos do dia na mesa de jantar, passando uma lenda urbana para um amigo, compartilhar a memória de uma família é um exemplo de narrativa informal.

Historicamente, os detalhes descritivos da contação de histórias couberam aos folcloristas e antropólogos, que foram os maiores contribuintes para os primeiros estudos acadêmicos sobre contação de histórias. Os folcloristas alemães Jacob e Wilhelm Grimm, o folclorista britânico Andrew Lang e os folcloristas norte-americanos Stith Thompson foram alguns dos primeiros a olhar o folclore e a narrativa acadêmica. É importante, no entanto, que as definições fornecidas por indivíduos de outras disciplinas (arte, biblioteconomia, história, psicologia, estudos religiosos) e os próprios contadores de histórias não sejam ignoradas. Tais definições enfatizam o elemento emocional, artístico e profissional da narrativa. É melhor considerar todos os detalhes ao trabalhar para uma definição de narrativa.

A *National Storytelling Network* descreve amplamente a narrativa como “uma forma antiga e uma valiosa forma de expressão humana”. Eles reconhecem que o termo contar histórias pode ser usado de várias maneiras, reconhecendo a vasta alguma coisa ou outra de qualquer coisa. Seu site (www.storynet.org) descreve sua definição de contação de histórias como contendo os cinco elementos seguintes: interatividade, uso de palavras, uso de ações, apresenta uma história e estimula a imaginação ativa dos ouvintes.

Enquanto as definições prévias de contação de histórias tendem a ser restritas e tendenciosas em relação à disciplina que conduz a pesquisa, as tentativas atuais, como as da *National Storytelling Network*, são mais inclusivas. As definições de hoje têm o cuidado de reconhecer que todas as definições de contar histórias são relevantes. Os estudos recentes sobre contação de histórias não tentam contestar definições anteriores, mas, em vez disso, abrangem as diferentes teorias para uma compreensão interdisciplinar completa do termo. Os contadores de histórias Carol Birch e Melissa Heckler (1996) tentam transpor as “divisões filosóficas, profissionais, acadêmicas, regionais e culturais” (p. 9) que acontecem quando se define a narrativa. Segundo eles, um dos aspectos mais desafiadores do estudo de contar histórias é respeitar todos os diferentes modelos apresentados pelos vários grupos que estudam e analisam a narrativa.

Uma das formas de enfrentar esse desafio é abordar a definição de contação de histórias, concentrando-se em sua função e história, enfatizando menos os elementos estéticos e mais o papel na sociedade. Essas funções de contação de histórias incluem educação (de crianças e adultos), socialização, validação, explicação, transmissão de informações e entretenimento históricos e sociais. Entender por que as pessoas contam histórias e qual é o objetivo do ato de contar histórias é uma parte importante da definição do termo. O estudo funcional mais lido e aceito é o de William Bascom (1965b), *Four Functions of Folklore*. Essas quatro funções são resumidas em Leeming e Sader (1997) como fornecendo escape da realidade, validando a cultura, educando e mantendo a conformidade. Outras abordagens funcionais incluem Margaret Read MacDonald's (1999), *Fifty Functions of Storytelling*, e Robert Georges (1969), *Towards an Understanding of Storytelling Events*.

A fim de acomodar os diferentes tipos de contação de histórias apresentados neste capítulo, o termo contação de histórias será amplamente definido como o ato culturalmente importante de apresentar um evento ou uma série de eventos, verdadeiros ou fictícios, através de alguma forma de comunicação; oral, escrita ou visual para uma audiência que está ou não presente no momento da apresentação. A contação de histórias é uma parte vital de todas as culturas do passado, presente e futuro. Os detalhes de como e por que isso aconteceu continuam a ser debatidos e discutidos.

Origens da contação de histórias

As discussões sobre a história da contação de histórias frequentemente apresentam a afirmação de que contar histórias é a mais antiga e a mais nova das artes. As interpretações individuais dos autores variam, mas é evidente que a contação de histórias existe desde que os seres humanos puderam se comunicar. Nas sociedades pré-letradas, a tradição oral e visual era a única maneira de transmitir informações históricas e culturais importantes. O ato de passar essas informações adiante para a próxima geração em músicas, cantos, imagens, danças e histórias é pela contação de histórias. Tal como acontece com a definição de contação de histórias, as teorias sobre as origens da contação de histórias variam de acordo com estudiosos de diferentes disciplinas. Cada disciplina concentra-se em teorias específicas e fornece evidências para apoiá-las. A contadora de histórias Ann Pellowski (1990) fornece um bom resumo das muitas teorias que abordam o significado cultural, histórico e psicológico da contação de histórias. Estas incluem as teorias de que a contação de histórias surgiu de uma necessidade humana básica de compartilhar sua experiência com os outros, uma necessidade de proporcionar entretenimento, uma necessidade de beleza e forma e uma necessidade de registrar a história e as normas sociais.

Esta necessidade de beleza e forma foi satisfeita por indivíduos talentosos e habilidosos que pudessem proporcionar uma performance estética dos eventos. Nos primórdios da narrativa, todos eram contadores de histórias, cantando, entoando cânticos e contando histórias dentro de unidades familiares e dentro de suas comunidades. É teorizado que, com o passar do tempo, algumas pessoas se tornaram melhores em contar histórias e aperfeiçoaram suas habilidades para se tornarem profissionais. Esses talentosos profissionais são os primeiros exemplos de contadores de histórias tradicionais, conhecidos por diferentes nomes em todo o mundo. Parkinson (2009) apresenta descrições de alguns, incluindo bardos (Europa), *seanachie* (Irlanda), *ashik* (Turquia) e *griot* (África Ocidental). Esses indivíduos foram encarregados de preservar a história e a cultura e, ao mesmo tempo, divertir-se por meio de eventos formais de contação de histórias. Um elemento vital da sociedade, os contadores de histórias eram muito respeitados por suas comunidades. A função dos contadores de histórias tradicionais mudou com o advento da história escrita, mas esses indivíduos continuam a ser necessários para educar e entreter.

“Conte-me uma história”

Ao discutir a contação de histórias, a palavra “história” é genericamente usada para descrever o evento que está sendo comunicado. Esses eventos também foram chamados de narrativas folclóricas, literatura oral ou, mais especificamente, por suas classificações individuais, como mito, lenda ou conto popular. Em geral, o uso do termo “história” é inclusivo, embora talvez nem todos sejam precisos. O *Oxford English Dictionary* define “história” como “uma narrativa, verdadeira ou presumida como verdadeira, relativa a eventos importantes e pessoas célebres de um passado mais ou menos remoto; uma relação histórica ou anedota”. Essa definição descreve lendas e mitos, mas está em desacordo com a descrição de contos de fadas e outros contos, que nem sempre se presume serem verdadeiros e nem sempre se relacionam a eventos importantes ou pessoas célebres.

O termo “narrativa” é frequentemente usado quando se discute a contação de histórias, de modo que explorar a palavra “narrativa” pode levar a uma melhor compreensão do significado de história. A definição do OED para narrativa é “um relato de uma série de eventos, fatos, etc., dados em ordem e com o estabelecimento de conexões entre eles”. Essa declaração parece descrever os eventos, no entanto, mais flexibilidade é necessária para permitir modificações na ordem dos eventos e conexões. As definições fornecidas pelo OED não captam suficientemente a essência da palavra “história” na narrativa. A história da contação de histórias está viva, mudando a cada vez que é contada, dependendo do contador, do público, do contexto e da intenção. Essa modificação através do tempo e da cultura é um aspecto significativo da definição de história. A adaptabilidade de uma história às necessidades e intenções de um contador de histórias e uma audiência é vital para a natureza da narrativa.

As definições do dicionário não capturam todo o significado da palavra história dentro do contexto da contação de histórias. Em alguns casos, o termo “conto popular” é usado no lugar de “história”. Usado nesse contexto, o

termo “conto popular” é usado para descrever qualquer tipo de história. Isso, no entanto, leva a alguma confusão, já que o termo “conto popular” também é frequentemente usado para descrever um tipo específico de narrativa. O folclorista e antropólogo americano William Bascom (1973) propôs o termo “arte verbal” para se referir à subcategoria do folclore que incluía mitos, lendas, fábulas, enigmas e contos. Esse termo, no entanto, nunca foi amplamente adotado. A palavra história continua sendo a maneira mais aceita para descrever as narrativas tradicionais e não tradicionais realizadas por um contador de histórias.

Tradicional: Märchen e Sagen

Uma das primeiras tentativas documentadas de catalogação e classificação de histórias foi feita por Jacob e Wilhelm Grimm, da Alemanha. Os irmãos Grimm tornaram-se sinônimo de contos de fadas infantis, com muito crédito dado a eles por sua compilação e apresentação de histórias tradicionais. Em sua publicação, *Kinder-und Hausmärchen* (contos infantis e domésticos), os irmãos dividem suas histórias coletadas em duas categorias, Märchen e Sagen. Märchen pode ser melhor descrito como contos encantados ou contos de fadas. Embora nem todos os Märchen incluam fadas reais, os personagens e eventos nessas histórias são mágicos, envolvendo o sobrenatural e ocorrem em reinos misteriosos. Sagen é o termo usado para definir histórias que são históricas, ocorrendo no passado real, com personagens principalmente humanos. A tradução inglesa mais próxima deste termo é “lenda” e não deve ser confundida com a palavra “saga”, que é usada para se referir especificamente às lendas das culturas escandinavas. Märchen ainda é amplamente usado hoje para se referir a qualquer tipo de conto que envolva o sobrenatural e é usado de forma intercambiável com conto de fadas, conto popular, conto mágico e fábula. A lenda geralmente substituiu o uso do termo Sagen para se referir às histórias históricas tradicionais de uma cultura.

Como outros seguiram os passos dos irmãos Grimm, mais categorias e subcategorias foram desenvolvidas para classificar os diferentes tipos de histórias que foram encontradas no campo. Algumas histórias não se encaixavam perfeitamente nas categorias dos Irmãos Grimm e precisavam de seu próprio lugar. Um desses tipos de história é o mito, que pode ser pensado como uma combinação de märchen e sagen, pois é uma história histórica e heroica com criaturas mágicas e um elemento sobrenatural.

O desafio de atribuir histórias a classificações específicas foi assumido por aqueles que buscaram coletá-las, classificá-las e analisá-las. Esses indivíduos foram os primeiros folcloristas conhecidos. No início de 1900 Antti Aarne, um folclorista finlandês escreveu *The types of the folktale: a classification and bibliography*¹. Aarne atribuiu um número de tipo aos contos, tentando classificar as histórias conhecidas da época. Em 1932, o trabalho de Aarne foi atualizado pelo folclorista americano Stith Thompson e publicado como *Motif-index of folk-literature; a classification of narrative elements in folk-tales, ballads, myths, fables, medieval romances, exempla, fabliaux, jest-books, and local legends*². A atualização do trabalho clássico de Aarne incluiu mais esclarecimentos do tipo, observando os elementos individuais da história (localização, personagens e lições), juntamente com a história como um todo. Cada tema narrativo recorrente ou motivo de um conto foi classificado e atribuído um número de motivo. Foi nesta classificação de histórias que os primeiros estudiosos começaram a ver semelhanças nas tradições orais em todo o mundo, o que levou a um estudo mais aprofundado das histórias dentro do folclore de uma cultura.

A classificação das histórias continua a desafiar os estudiosos hoje, especialmente com o surgimento e descoberta de novas histórias não tradicionais. William Bascom (1965a) propôs o uso do termo “narrativa em prosa” para descrever uma categoria dentro da arte verbal que incluía três tipos tradicionais de histórias, lenda

¹ Os tipos de conto popular: uma classificação e bibliografia. [N.T.]

² Índice de motivo da literatura popular: uma classificação de elementos narrativos em contos populares, baladas, mitos, fábulas, romances medievais, contos de exemplo, *fabliaux*, livros de brincadeiras e lendas locais.

Os *fabliaux* são poemas narrativos curtos de origem francesa dos séculos XII e XIV. Seu conteúdo é erótico ou humorístico e é popular na natureza. O propósito é o de provocar o riso. Para isso concentra-se em personagens e ambientes reais e vulgares. [N.T.]

(sagen), conto popular (märchen) e mito. Termos como conto de fadas, fábula, saga, *tal tale*³, conto de animais, conto de herói e épico podem ser atribuídos a uma dessas três categorias, embora eles não concordem com essas distinções. Algumas histórias não tradicionais, como lendas urbanas, também são encontradas nesses títulos, mas outras histórias não tradicionais, como narrativas pessoais, exigem sua própria categoria.

Lenda

Embora não haja tradução direta da classificação Sagen dos irmãos Grimm, a palavra inglesa que melhor descreve o significado é lenda. A palavra lenda tem suas raízes nas palavras grega e latina para “reunir, ler”. A tradução direta da palavra alemã “sagen” é “dizer”. A combinação desses conceitos resulta na ideia básica de contar histórias: reunir, ler e dizer. O primeiro uso da “lenda” do mundo foi em referência às vidas dos santos cristãos, que foram escritas, mas compartilhadas oralmente e consideradas verdadeiras. Através do tempo, no entanto, o uso do termo lenda começou a significar o inacreditável ou impossível, o que não é uma descrição precisa. Ao descrever os eventos dos indivíduos no espaço presente e no tempo passado, as lendas são consideradas o tipo de história mais histórico e crível.

Lendas podem ser consideradas o tipo mais histórico de história, mas é importante notar que elas não são história. Eles são históricos por natureza, porque são assumidos como verdadeiros, mesmo que não sejam verificáveis. As lendas ocorrem em um tempo e local específicos no mundo atual, ao contrário dos mundos sobrenaturais de outros tipos de histórias. Os personagens das lendas são pessoas reais e verdadeiras figuras históricas, mas os eventos nem sempre são verdadeiros para a história. Os personagens em lendas podem ser pessoas comuns e indivíduos sem nome ou reis e heróis especificamente nomeados. Os eventos, embora não sejam historicamente precisos, são considerados eventos reais no sentido de serem críveis e plausíveis. Temas comuns nas lendas são a luta contra o mal e os feitos super-humanos de coragem, força e intelecto. As lendas são localizadas, profundamente ligadas à religião e cultura de uma região. Folcloristas, antropólogos, psicólogos e outros estudiosos olham para lendas para ajudar a entender a história, religião e cultura dos donos das lendas. Alguns exemplos de lendas bem conhecidas são os do Rei Arthur, Johnny Appleseed, Davy Crockett e Jesse James. Epopeias e contos de heróis, como *A Eneida* e *A Ilíada*, atendem aos critérios de lenda e são frequentemente incluídos sob o rótulo mais amplo de lenda.

Conto Popular

Os irmãos Grimm usaram o termo Märchen para se referir a contos de maravilha e magia. Eles os distinguiram do Sagen histórico porque esses contos mágicos são aceitos como narrativas fictícias de eventos menos prováveis de serem reais. Uma tradução popular de Märchen é um conto de fadas, já que muitas das histórias envolvem as ações de pequenos seres mágicos conhecidos como fadas. Os termos “conto de fadas” e “conto popular” foram usados de forma intercambiável. Especificamente, apenas os contos que têm fadas como personagens são verdadeiros exemplos de contos de fadas, mas o termo foi ampliado para incluir histórias sem pequenos seres mágicos. O termo “conto popular” é usado para se referir a qualquer narrativa tradicional, escrita ou oral, que é considerada falsa. O termo popular “conto popular” inclui *tall tales*, contos de animais, fábulas e contos de fadas. Os personagens de contos populares são geralmente humanos ao lado de animais (alguns com traços humanos), trolls, ogros, fadas, bruxas, goblins e outras criaturas mágicas. Os eventos em um conto popular acontecem em “Era uma vez”, significando que eles não se referem a tempos e eventos específicos como lendas e mitos. Essa falta de especificação é um elemento-chave dos contos populares, permitindo a aparição do mesmo conto em muitas culturas. Por exemplo, há vários exemplos de histórias de “Cinderela” em várias culturas, cada uma com seus costumes e personagens locais, todos com o mesmo enredo e tema subjacentes. Os contos de fadas, ao contrário dos mitos e lendas, não devem ser tomados como lições

³ **Tall tale**, em português, pode ser a tradicional lorota ou mentira. No entanto, se refere a uma história longa e complicada que é difícil de acreditar porque a maioria dos eventos descritos parece improvável ou impossível; uma história que pode ou não ser verdadeira, mas que contém detalhes difíceis de acreditar. [N.T.]

sérias sobre história e cultura. Seu objetivo principal é entreter, embora existam exemplos de contos populares, como as fábulas de Esopo, que ensinam a moral e alertam contra o mau comportamento.

Mito

Mitos, como lendas, são considerados relatos de eventos verdadeiros. Ao contrário das lendas, os mitos ocorrem em um tempo e espaço remotos. Os eventos no mito ocorrem em um mundo que existe bem antes do mundo atual, ou às vezes até em um mundo diferente. Os personagens do mito são sobrenaturais, geralmente divindades, animais ou humanos com poderes especiais. A palavra mito vem do grego *mythos*, “fazer um som com a boca” e foi incorretamente usada para descrever declarações ou crenças falsas. Apesar de sua natureza sobrenatural, mitos são considerados verdades, em muitos casos, verdades religiosas. Os mitos estão profundamente enraizados no sistema de crenças de uma cultura e estão ligados à sua compreensão espiritual e pessoal do mundo ao seu redor. Os mitos servem para celebrar as origens, explicar mistérios como desastres naturais e aliviar os medos do desconhecido. Exemplos bem conhecidos de mitos são as histórias dos deuses e deusas gregos e romanos e os mitos da criação dos índios norte-americanos. Devido à sua natureza religiosa e filosófica, os mitos atraíram a atenção de estudiosos dessas disciplinas, bem como folcloristas e antropólogos. De acordo com Segal (1996), antropólogos como Frank Boas e Ruth Benedict buscaram o mito para ajudar a explicar as culturas e seus sistemas de crenças. Enquanto antropólogos e folcloristas incluem o mito dentro do reino do folclore, há estudiosos que olham exclusivamente para o mito. Esses estudiosos consideram-se mitólogos e sua coleção e estudo dos mitos como mitologia. A mitologia comparativa dá o passo extra de comparar mitos de diferentes culturas, procurando temas e origens universais. Estudiosos importantes do mito incluem E.B. Tyler, Max Müller, James Frazer, Joseph Campbell e Jaan Puhvel.

Não Tradicional: Urbano e Contemporâneo

Histórias não tradicionais são aquelas que não são consideradas parte direta ou descendentes da tradição oral de uma comunidade. Eles não se encaixam na descrição de mito, lenda ou conto popular, embora possam compartilhar características com essas formas tradicionais. De natureza mais contemporânea, as histórias não tradicionais transcendem o modelo tradicional de história, adicionando dimensões mais profundas à definição de narrativa. Nem todas as formas mencionadas de contar histórias tradicionais são reconhecidas por todos como verdadeiras formas de contar histórias.

Lenda urbana

Originalmente, as histórias coletadas pelos estudiosos vinham da tradição oral das áreas rurais. Na primeira metade do século XX, os estudiosos começaram a olhar para as histórias passadas nas cidades, tanto orais quanto escritas. Os estudiosos se referiam a eles como lendas urbanas, lendas contemporâneas ou lendas modernas. A disseminação de lendas urbanas ocorre informalmente através de conversas informais e diferentes modos de mídia (jornal, email, etc). As lendas urbanas diferem das lendas tradicionais por não terem nomes e horários específicos. Os personagens das lendas costumam ser “amigos do amigo de um amigo”, o local nem sempre é especificado e a hora é o passado recente. Os detalhes são vagos, proporcionando espaço para modificação e adaptação. Como lendas tradicionais, essas histórias são consideradas verdadeiras ou, pelo menos, baseadas em fatos reais. Os temas são cautelosos, geralmente alertando e aconselhando o ouvinte, menos histórico e heroico do que a lenda tradicional.

Os primeiros folcloristas observaram as semelhanças nas lendas urbanas entre diferentes culturas. No passado, era menos provável que essas histórias tivessem se espalhado de cultura para cultura e mais provável que os temas comuns fossem universais. Hoje, as origens de lendas urbanas específicas são menos aparentes, pois são espalhadas e modificadas tão rapidamente na comunicação global de hoje via e-mail, blogs, redes sociais e sites de compartilhamento de vídeos. Essas lendas estão constantemente mudando e sendo adaptadas ao tempo e

lugar em que são transmitidas. Exemplos de diferentes variações entre culturas foram explorados pelo folclorista americano Jan Harold Brunvard. Seu livro *The fuishing hitchhiker: American urban legends and their meaning* foi o primeiro de muitos em que ele fornece descrições e variações de lendas urbanas comuns, como o caronista desaparecido, aranhas no cabelo e assassino escondido no porta-malas. A popularidade de lendas urbanas nos Estados Unidos hoje é comprovada pelos muitos livros, sites e até mesmo programas de televisão que tentam coletar, provar e desbancar a miríade de histórias sobre aquele amigo de um amigo e suas infelizes experiências.

Narrativa pessoal

Narrativas pessoais são as histórias individuais de uma pessoa ou grupo de pessoas. Eles são apresentados em ambientes formais e informais e através de diversos meios. Um exemplo de narrativa pessoal formal é o StoryCorps (<http://www.storycorps.org>), “cuja missão é homenagear e celebrar a vida uns dos outros por meio da escuta”. A StoryCorps fornece às pessoas os meios para gravar e arquivar as histórias de si e de seus entes queridos. Outro exemplo fornecido é o desempenho teatral da história de vida de alguém, ou narrativa vernacular (Preston, 2009). A narrativa pessoal informal ocorre todos os dias como parte da conversação diária. Narrativas pessoais são as histórias verdadeiras de pessoas reais, contadas pela pessoa que está vivenciando os eventos. Contar a própria história é uma maneira importante de transmitir a história da família, influenciar e ensinar as gerações mais jovens e até mesmo oferecer uma cura terapêutica ou psicológica.

Histórias Organizacionais

O poder e a influência de uma boa história não passaram despercebidos pelas organizações. Histórias organizacionais incluem histórias contadas tanto dentro quanto fora de uma organização. Histórias dentro da organização servem para inspirar, educar e ajudar os membros a entender a organização. As histórias geralmente envolvem a liderança da organização em eventos do dia a dia. Essas histórias podem servir para validar a cultura corporativa por meio de exemplos cotidianos, além de fornecer um lado pessoal à administração. Raspa (1999) fornece um exemplo em que o CEO da IBM não possui sua ID para obter acesso a uma área segura. O guarda recusa-o a entrar, mesmo que ela o reconheça. Ele calmamente espera enquanto alguém é enviado para obter seu cartão de identificação. Essa história fornece às pessoas da organização segurança e segurança quanto à importância de realizar seu trabalho, independentemente de quem esteja na frente delas. Muitas histórias de organização chegaram ao público, como a lenda de como um post-it-note foi criado. Raspa (1999) descreve como um empregado foi negado pela primeira vez permissão para realizar a pesquisa, mas acabou fazendo isso em seu próprio tempo. Quando o produto de sucesso foi lançado, ele acabou sendo recompensado por sua diligência. Histórias como essas ajudam o público a lembrar de um produto e, ao mesmo tempo, fornecem um reforço positivo sobre a empresa que fabrica o produto. Algumas instâncias de histórias organizacionais podem, na verdade, ser consideradas anúncios. Outra forma de história organizacional é quando indivíduos em posições de liderança usam narrativas pessoais para inspirar os outros. A história de grande sucesso através de dificuldades é frequentemente repetida por políticos e líderes empresariais, a fim de proporcionar às suas audiências uma conexão emocional e uma compreensão pessoal delas.

Histórias Digitais

Segundo Fields e Diaz (2008), uma história digital é um vídeo que transmite um ponto dramático, usando qualquer combinação de imagens, vídeo, música e contação. A maioria das histórias digitais são narrativas pessoais, pois indivíduos e organizações usam essa tecnologia para compartilhar eventos em suas vidas com um grande público. Histórias digitais são criadas por amadores e profissionais com uma variedade de ferramentas. Eles acontecem formal e informalmente. Em 1990, o Center for Digital Storytelling (www.storycenter.org) foi fundado com o objetivo de “ajudar as pessoas a usar a mídia digital para contar histórias significativas de suas vidas”. O Centro se une a comunidades e organizações para criar eventos formais de histórias digitais, como o

projeto Capture Wales para a BBC⁴. O centro também fornece informações e workshops para professores interessados em usar histórias digitais em sala de aula e para pessoas interessadas em criar suas próprias histórias digitais. As histórias digitais são ativas e alguns casos são colaborados por muitos indivíduos. Esse senso de comunidade na criação continua na apresentação. Fields (2008) explica que uma história digital permite que as pessoas se conectem socialmente além de suas comunidades com um público diversificado e vasto. Muito diferente das ideias dos primeiros estudiosos de contar histórias tradicionais, a narrativa digital fornece uma nova dimensão ao estudo da narrativa.

O estudo da narrativa

O primeiro trabalho acadêmico reconhecido sobre histórias é a publicação de 1812 de Jacob e Wilhelm Grimm, *Kinder und Hausmärchen*. Antes dessa publicação, as lendas e tradições de uma cultura não eram altamente consideradas pelos intelectuais. Há exemplos anteriores de colecionadores de contos, como Charles Perrault, que coletou e transcreveu contos de fadas infantis no final do século XVII. No entanto, essas coleções eram consideradas infantis e primitivas e não recebiam muita atenção acadêmica.

Os irmãos Grimm são considerados os primeiros a introduzir o método de pesquisa de campo envolvido na coleta de histórias. Eles não distinguiram entre oral e escrito, todas as histórias que encontraram foram transcritas. De acordo com Kamenetsky (1992) houve algum desacordo entre os dois quando se tratou de apresentar as histórias coletadas. Jacob achava que as histórias deveriam permanecer inalteradas, enquanto Wilhelm desejava modificar as histórias para serem mais literárias. O resultado final produziu histórias que foram modificadas, mas permaneceram fiéis à tradição da história.

O trabalho de Grimm inspirou outros acadêmicos de todo o mundo a coletar e apresentar as histórias de seus países. Os primeiros colecionadores incluem Alexander Afansyev (Rússia), Joseph Jacobs (inglês), Peter Asbjornsen (Scandinávia) e Jeremia Curtin (irlandês). Como as histórias foram coletadas e apresentadas, os acadêmicos começaram a ver semelhanças nos temas. Esses temas foram catalogados e classificados em *The Types of Folktales de Aarne*. A coleção de histórias e outras tradições orais (enigmas, canções, etc) veio a ser conhecido como folclore, e aqueles que estudaram eram folcloristas. No início do século XX, os estudiosos reconheceram conexões entre essas histórias e outras disciplinas acadêmicas, como mitologia (já seu próprio campo acadêmico), antropologia e etnografia. Em Leeming e Sable (1997), afirma-se que o estudioso britânico Andrew Lang é considerado um dos primeiros a reconhecer essas conexões. Outros colaboradores para essas conexões incluem Vladimir Prop, James Frazer, Stith Thompson e Franz Boas.

A conexão com a antropologia na academia americana é evidente no fato de que muito do estudo inicial do folclore ocorreu dentro dos departamentos de antropologia. Segundo Dorson (1972), a American Folklore Society, fundada em 1888, foi apoiada por antropólogos. Quando os antropólogos começaram a ver a contação de histórias como uma parte vital das culturas que observaram, o estudo do folclore ganhou mais destaque. Antropólogos como Ruth Benedict e Franz Boas já haviam explorado a importância do mito em uma cultura. Esses estudos foram expandidos para incluir todas as histórias como valiosas para a cultura. Dorson (1972) explica que Franz Boas encorajou seus alunos a coletar e analisar a literatura oral de uma cultura. Essa ação tornou a coleta de histórias uma parte válida do trabalho de campo antropológico. A conexão entre antropologia e folclore também é evidente na declaração de Dorson (1972) de que membros da English Folklore Society se referiam a si próprios como folcloristas antropológicos.

Por muitos anos, estudos de folclore foram incluídos nos departamentos e cursos de antropologia. É afirmado em Leeming e Sader (1997) que o folclorista americano Stith Thompson ensinou a primeira aula de folclore na Universidade de Indiana. Enquanto também trabalhava na atualização do sistema de classificação de Aarne, Thompson e seus alunos começaram a trabalhar para a legitimação do folclore como um departamento acadêmico separado. Ao mesmo tempo em que o folclore estava trabalhando para se estabelecer no mundo acadêmico, a contação de histórias estava se tornando popular nas bibliotecas. De acordo com Pellowski

⁴ www.bbc.co.uk/wales/audiovideo/sites/galleries/pages/capturewales.shtml

(1990), em 1927 a maioria das bibliotecas tinha começado a conduzir eventos programados para contar histórias. A contação de histórias nesses eventos foi baseada na palavra escrita, com bibliotecários sendo treinados para fazer as histórias ganharem vida. Esses praticantes de contação de histórias em bibliotecas e outros locais públicos não são menos importantes para o campo do que os acadêmicos que o pesquisam. Bibliotecários e contadores de histórias, como Augusta Baker e seus alunos Ellin Green e Anne Pellowski, contribuíram muito para a discussão e definição da contação de histórias.

Brunvard (1976) explica que, nos anos 50 e 1960, os folcloristas começaram a flexionar sua independência dos departamentos de antropologia. O folclorista Richard Dorson era um forte defensor do folclore como uma disciplina independente. Ele substituiu Stith Thompson na Universidade de Indiana, onde o primeiro Departamento de Folclore foi criado em 1963. Com o estabelecimento de mais departamentos e cursos específicos para o folclore, acadêmicos de diferentes origens se voltaram para o folclore. Isso levou a diferentes perspectivas e novas ideias e, durante a década de 1960, o tradicional estudo do folclore foi desafiado.

Os primeiros estudiosos do folclore concentraram-se nas tradições orais e escritas de culturas predominantemente não-letradas. O foco desses estudiosos estava no texto real das histórias. Os colecionadores transcreveram e gravaram as palavras, muitas vezes ignorando o contexto do desempenho da história. Nos anos 60, o folclorista americano Richard Bauman introduziu um método de olhar o texto dentro de sua performance. Bauman (1986) encorajou seus colegas a incluírem o caixa, o conto, a audiência e a ocasião em olhar para todo o evento narrativo. Este método foi adotado pela maioria dos pesquisadores hoje. As descrições deste método de trabalho de campo estão incluídas em *Analyzing Narrative Reality*, de Jaber Gubrium, e *Story, Performance, and Event: Contextual Studies of Oral Narrative*, de Bauman.

À medida que estudos mais recentes enfocam o desempenho e os aspectos emocionais do campo, a contação de histórias deixou de ser uma parte do campo do folclore para ser reconhecida por alguns como seu próprio campo interdisciplinar. Já aparecendo em departamentos de ciências bibliotecárias devido à tradição de contar histórias infantis, cursos sobre contação estão sendo ensinados em departamentos de artes da comunicação, antropologia, folclore, estudos liberais, educação, estudos de mídia, estudos de informação, teatro, arte, escrita, psicologia e até mesmo negócios e gerenciamento. Os cursos vão desde a história e teoria da narrativa até a sua técnica e prática. Algumas escolas em todo o mundo oferecem graus avançados no campo.

A teoria e a prática de contar histórias não se limitam à academia. Contadores de histórias profissionais têm aprendido e estudado histórias, juntamente com acadêmicos treinados. Antes de haver organizações profissionais, os contadores de histórias transmitiam seus conhecimentos e habilidades através de heranças, guildas e aprendizes. Hoje, os contadores de histórias aprendem a arte de várias maneiras adicionais. Pellowski (1990) descreve cinco maneiras pelas quais os contadores de histórias são treinados; através de função herdada ou escritório, aprendizado por guilda, aprendizagem por indivíduo, escola (formal e informal) e imitação. Contadores de histórias perpetuam sua arte através de oficinas, festivais e publicações e organizações. Publicações incluem conselhos práticos e como orientar na condução de eventos eficazes de contar histórias.

Enquanto as universidades americanas estavam tentando determinar onde o folclore e a narrativa deveriam residir, os contadores de histórias profissionais estavam tentando manter viva a arte de contar histórias. Segundo o contador de histórias Joseph Sobol (1999), um renascimento da narrativa ocorreu nos Estados Unidos a partir dos anos 70. Em resposta a esse interesse renovado na arte de contar histórias, o primeiro National Storytelling Festival ocorreu em 1973 em Jonesborough, Tennessee. Dois anos após este festival de sucesso, foi formada a Associação Nacional para a Perpetuação e Preservação das Histórias. Atualmente conhecida como National Storytelling Network (renomeada em 1994), esta organização é um lugar para os contadores de histórias se conectarem uns com os outros para compartilhar, aprender e melhorar a arte de contar histórias. Grupos de interesses especiais dentro da rede abordam os usos contemporâneos da contação de histórias, como contação de histórias nas organizações, uso de contação de histórias no ensino superior e contação terapêutica. Internacionalmente, as organizações também estão abordando a importância da narrativa. Em um ambiente global, mais pessoas são capazes de se conectar através da necessidade humana universal de

contar uma história. O International Storytelling Center (www.storytellingcenter.net) concentra-se no poder de contar histórias para obter compreensão entre culturas e mudanças no mundo.

O poder da narrativa é universalmente aceito por acadêmicos e profissionais. No entanto, nem sempre concordam com as teorias, abordagens e definições de narrativa. À medida que os estudos narrativos se desenvolvem, os caminhos dos acadêmicos e profissionais estão se aproximando, trazendo o emocional e o espiritual para o teórico e prático. Há exemplos de indivíduos que conseguiram diminuir a distância entre o mundo acadêmico e profissional ensinando e executando. Ajudar a construir esta ponte é uma revista que, de acordo com sua edição inaugural (Sobol, 2004), procura “criar um casamento de pesquisa emocionalmente conectada e narrativa exploratória e intelectualmente aberta”. Os editores e revisores de *Storytelling, Self, Society: An Interdisciplinary Journal of Storytelling Studies* são acadêmicos e profissionais. Usando ambas as perspectivas, a revista procura explorar os campos de narrativa aplicados (organizacional, educacional, terapêutico, etc...), permanecendo dedicada aos estudos artísticos e de desempenho dos estudos tradicionais de contação de histórias.

Tendências atuais

A importância e o valor da contação de histórias para todas as culturas foram comprovados por vários pesquisadores em diversas áreas. Como parte distinta de toda cultura, pode-se determinar que contar histórias é vital para todas as civilizações humanas. Tradicionalmente, o termo “contação de histórias”⁵ evoca imagens de histórias de crianças na cama, fiados rurais, poemas épicos e cânticos tribais. Todas essas imagens são, de fato, exemplos de narrativa, mas a contação de histórias não se limita mais a essas imagens. Contar histórias também acontece todos os dias aqui e agora. A contação de histórias ocorre ao nosso redor, influenciando, ensinando, curando e nos entretendo. A capacidade de contação de histórias de uma audiência chamou a atenção de políticos, corporações, terapeutas e governos. As tendências atuais envolvem a aplicação de histórias em lugares não tradicionais e maneiras incomuns.

Histórias sempre apareceram em todos os lugares nos eventos do dia-a-dia. Agora, no entanto, eles estão aparecendo em áreas não convencionais, como a sala da diretoria corporativa, anúncios, a campanha e o sofá dos terapeutas. As corporações estão adotando a contação de histórias como um meio de não apenas definir sua cultura para seus trabalhadores, mas de se apresentar de maneira positiva para seus consumidores. Anúncios para uma variedade de produtos incluem histórias de designers, criadores e usuários. Os políticos reconheceram a importância da narrativa para se conectar com o público. Candidatos políticos tentam personalizar sua causa, fornecendo narrativas pessoais, enquanto também apresentam as histórias de seus apoiadores e constituintes. Os terapeutas estão reconhecendo os poderes curativos de contar histórias e escutar histórias enquanto as pessoas tentam entender seu ambiente.

A educação sempre foi uma função de contar histórias e contar histórias sempre fez parte da educação. As tendências atuais, no entanto, enfatizam mais o uso da narrativa na educação. Embora as histórias tenham sido incluídas na sala de aula durante o horário da matéria ou o tempo livre, as histórias começaram a aparecer no currículo de todas as matérias. Educadores, como políticos e corporações, veem a narrativa como uma ferramenta para inspirar e influenciar. Não apenas as histórias são apresentadas aos alunos, mas os alunos também estão aprendendo como criar e compartilhar suas próprias histórias através de narrativa digital.

Tal como acontece com muitas disciplinas, as tendências atuais fluem para a nova tecnologia que está disponível. Contação de histórias e Estudos de Contação de Histórias não são diferentes quando se espalham para uma plataforma digital. Enquanto as áreas não tradicionais estão abraçando histórias, os contadores de histórias, amadores e profissionais, estão adotando novas tecnologias para continuar a entreter e engajar o público de maneira tradicional e não tradicional.

⁵ Importante lembrar que em inglês o termo storytelling pode ser traduzido tanto por contação de histórias como por narração de histórias. Isso se deve pelo fato de, em inglês, a prática de contar uma história pode se referir a um conto popular, um romance ou qualquer obra literária, ou ainda a um filme. Nesse artigo, usamos ora um termo ora o outro. (N.T.)

Tecnologia e o futuro

Contar histórias começou como uma maneira de educar e entreter usando as formas atuais de comunicação disponíveis para humanos, palavras e gestos. À medida que a tecnologia de comunicação se desenvolveu, o mesmo aconteceu com a natureza da narrativa. Com a palavra escrita veio a capacidade de escrever as histórias e compartilhá-las entre outras comunidades. À medida que as tecnologias cresceram, o mesmo aconteceu com o alcance da narrativa. Histórias foram espalhadas pelo telefone, via fax, em e-mails, em rádio, televisão, filmes e outras formas de mídia. Novas formas de comunicação permitiram não apenas a disseminação mais ampla de histórias, mas também experiências únicas para o caixa e o ouvinte. A contação de histórias não se limita mais ao desempenho ao vivo de um evento na frente de um único público. É um eufemismo dizer que a Internet teve um profundo impacto na narrativa. Com o surgimento de aplicativos colaborativos e comunicativos, conhecido como Web 2.0, a contação de histórias alcançou mais ouvintes e inspirou mais criadores, além de fornecer uma conexão entre os dois. A ascensão da tecnologia tem sido culpada pela diminuição da tradição oral e pela perda de histórias tradicionais. No entanto, exemplos recentes podem argumentar que a tecnologia está fortalecendo a narrativa tradicional e contemporânea, tornando-a disponível para um público maior.

Áudio

Assim que a tecnologia ficou disponível, os colecionadores de histórias começaram a registrar as palavras faladas dos contadores de histórias. Essas gravações foram usadas para fins de transcrição e não são frequentemente disponibilizadas para outros pesquisadores ou para o público. Felizmente, com a mudança de ênfase do texto para o contexto, os pesquisadores começaram a compartilhar os eventos de áudio. O áudio permitiu não apenas melhorias no trabalho de campo, mas também permitiu o compartilhamento de histórias da maneira como elas foram planejadas. O ato de contar histórias implica que há um ouvinte. A tecnologia de áudio permite aos ouvintes, mesmo que eles não estejam presentes no momento da contação. Gravações e rádio têm sido a tecnologia usual para transmitir histórias. Recentemente, o podcasting⁶ tornou-se um elemento importante no mundo da narrativa. Podcasting é semelhante ao rádio, mas sem algumas das limitações do rádio. Um ouvinte não está limitado à hora em que o evento está sendo produzido, mas tem a opção de ouvir em um momento mais conveniente. Os podcasts podem ser baixados e usados com tecnologias móveis. Podcasting é realizado por profissionais e amadores, como gravações podem ser criadas fácil de usar e software de baixo custo. As bibliotecas públicas adotaram o podcasting como uma forma de expandir seus serviços de contar histórias para um público mais amplo do que aqueles que podem participar dos eventos pessoalmente. O podcasting forneceu exposição a contadores de histórias que antes eram conhecidos apenas localmente, disponibilizando suas histórias globalmente.

Visual

Alguns dos primeiros exemplos de narrativa são pictogramas e desenhos. Humanos foram capazes de transmitir eventos históricos e culturalmente importantes através de fotos. A tecnologia hoje permitiu um retorno a essa forma simples de contar histórias. A tecnologia digital permite a facilidade de capturar e compartilhar imagens digitais. Essas imagens podem ser reunidas para formar uma história ou sequência de eventos. Sites que fornecem compartilhamento global de imagens, como o Flickr (<http://www.flickr.com/>) fornecem um fórum para contar histórias visuais.

⁶ O termo vem de podcast, um arquivo digital de áudio transmitido através da internet, cujo conteúdo pode ser variado, normalmente com o propósito de transmitir informações. Qualquer usuário na internet pode criar um podcast. Os podcasts podem ter diferentes temas, sendo que os mais populares costumam falar sobre cinema, TV, literatura, ciências, games, religião, humor, esporte, etc. São parecidos com um programa de rádio, mas a diferença está no fato desta mídia digital ser disponibilizada na internet, podendo assim ser acessada a qualquer momento. Diferente dos feeds de texto, os podcasts são feeds de áudio, ou seja, "textos para ouvir".

O vídeo teve um papel influente tanto no estudo da narrativa quanto na narrativa propriamente dita. Com ênfase em todo o contexto do desempenho de uma história, a adição da tecnologia de vídeo ao trabalho de campo melhorou muito a capacidade do pesquisador de analisar um evento. Histórias digitais ou vídeos que descrevam um evento ou sequência de eventos são, de longe, o maior exemplo do impacto da tecnologia na contação de histórias hoje em dia. O surgimento de histórias digitais proporcionou uma nova dimensão ao mundo da narrativa. Histórias profissionais, amadoras, tradicionais, não tradicionais, formais e informais, todas se encontram no espaço digital, compartilhando audiências e cruzando fronteiras. Sites de compartilhamento de vídeos, como o YouTube (<http://www.flickr.com/>), retornam a contação de histórias à idade em que todos eram contadores de histórias, fornecendo a plataforma para que qualquer um pudesse compartilhar suas histórias.

Social

Contar histórias é de natureza social, reunindo um contador e um ouvinte e conectando-os a uma experiência emocional compartilhada. Novas tecnologias estão oferecendo mais saídas para o compartilhamento de informações, emoções, ideias e eventos do dia a dia. Softwares de redes sociais ou aplicativos que permitem o compartilhamento de imagens, sites, artigos, áudio ou vídeo são muito utilizados atualmente. Esses aplicativos não permitem apenas que uma pessoa compartilhe suas histórias; eles também fornecem um fórum para comentários, perguntas e conversas. As redes sociais criam comunidades e conversas, conectando o caixa e o ouvinte com os eventos tradicionais de contar histórias. Uma questão interessante para o futuro é se as narrativas pessoais contadas em blogs, micro-blogs e sites de redes sociais podem ser definidas como histórias.

O futuro

Contar histórias é, em certo sentido, sem idade e atemporal. Sempre foi e não é provável que deixe de ser tão longo quanto o humano é capaz de se comunicar. O passado não é esquecido simplesmente porque existe um novo futuro. Em vez disso, o futuro é construído sobre histórias passadas e estudos anteriores. O papel do contador de histórias pode não ser facilmente definido, mas sempre haverá um contador de histórias. A definição de história pode ser contestada, mas o fato de que os eventos, no entanto, são classificados são importantes para o caixa e o ouvinte não são discutidos. O futuro dos estudos de contação de histórias está caminhando para uma cooperação interdisciplinar com profissionais de contação de histórias. A própria contação de histórias baseia-se no seu passado, enquanto abraça as tecnologias do futuro. Especificamente com as tecnologias sociais e dirigidas pela comunidade, a contação de histórias será compartilhada, criada e desfrutada por públicos mais amplos do que nunca. Essas tecnologias sociais e de compartilhamento oferecem uma perspectiva interessante para o futuro da narrativa.

Resumo

Contar e ouvir histórias traz uma comunidade junto com um evento emocional compartilhado e ajuda-as a se relacionar umas com as outras e com o mundo ao seu redor. Juntamente com a necessidade de transmitir informações culturais, históricas e morais vitais, há uma necessidade humana inata de fornecer explicações para coisas que não são compreendidas. Embora a contação de histórias perpetue a herança cultural e ajude os indivíduos a entender o mundo, ela também preenche uma necessidade biológica básica de entretenimento e fuga. A função de contar histórias não mudou, mas os meios pelos quais as narrativas ocorrem têm. Contar histórias passou da tradição formal de oração de um profissional para um vídeo de três minutos de uma criança de dez anos entrevistando seu veterano avô para um projeto escolar. A importância da narrativa continua hoje como no passado. Os futuros contadores de histórias podem encontrar outras maneiras de apresentar narrativas de eventos, mas suas tradições ancestrais de contar histórias sempre farão parte do evento.

Referências e outros recursos

- Aarne, A., & Thompson, S. (1961). *The types of the folktale; a classification and bibliography.* (Vol. 2). Helsinki: Academia Scientarum Fennica.
- Bascom, W. (1965a). *The Forms of Folklore: Prose Narratives.* *The Journal of American Folklore*, 78(307), 3-20.
- Bascom, W. (1965b). *Four Functions of Folklore.* *The Journal of American Folklore*, 67(266), 333-349.
- Bascom, W. (1973). *Folklore, Verbal Art, and Culture.* *The Journal of American Folklore*, 86(342), 374-381.
- Bauman, R. (1986). *Story, performance, and event : contextual studies of oral narrative.* New York: Cambridge University Press.
- Birch, C. & Heckler, M. (Ed.) (1996). *Who says? : essays on pivotal issues in contemporary storytelling.* Little Rock: August House.
- Brunvand, J. H. (1976). *Folklore : a study and research guide.* New York: St. Martin's Press.
- Brunvand, J. H. (1981). *The vanishing hitchhiker : American urban legends and their meaning* (Vol. 1). New York: Norton.
- Degh, Linda. (1972). *Folk Narrative.* In *Folklore and folklife, an introduction by Richard M. Dorson.* Chicago: University of Chicago Press.
- Dorson, R.M. (1972) *Folklore: selected essays.* Bloomington: Indiana University Press.
- Dorson, R. M. (1976). *Folklore and fakelore : essays toward a discipline of folk studies.* Cambridge, Mass: Harvard University Press.
- Fields, A. & Diaz, K. (2008). *Fostering Community through Digital Storytelling: A Guide for Academic Librarians.* Westport, Conn: Libraries Unlimited, 2008.
- Georges, R. A. (1969). *Toward an understanding of storytelling events.* *Journal of American Folklore*, 82(326), 313-328.
- Greene, E. (1986). *Storytelling: a selected annotated bibliography.* New York: Garland Pub.
- Greene, E., & Baker, A. S. (1996). *Storytelling : art and technique* (Vol. 3). New Providence, N.J: R.R. Bowker.
- Gubrium, J. (2009). *Analyzing narrative reality.* London: SAGE.
- Haase, D. (Ed.). (2008). *The Greenwood encyclopedia of folktales and fairy tales.* Westport, Conn: Greenwood Press.
- Kamenetsky, C. (1992). *The brothers Grimm and their critics: folktales and the quest for meaning.* Athens: Ohio University Press.
- Leeming, D. A., & Sader, M. (Ed.). (1997). *Storytelling encyclopedia : historical, cultural, and multiethnic approaches to oral traditions around the world.* Phoenix, AZ: Oryx Press.
- MacDonald, M. (Ed.). (1999). *Traditional storytelling today : an international sourcebook.* Chicago: Fitzroy Dearborn Publishers.
- Ong, W. (1982). *Orality and literacy: the technologizing of the world* ([Pbk. ed.]). London: Methuen.
- Pellowski, A. (1990). *The world of storytelling.* Bronx, NY: H.W. Wilson.
- Preston, C. L.(Ed.). (1995). *Folklore, literature, and cultural theory : collected essays.* New York: Garland Pub.

- Raspa, R. (1999). Organizational Storytelling. In MacDonald, M. (Ed.). *Traditional storytelling today : an international sourcebook* (pp.544-546). Chicago: Fitzroy Dearborn Publishers.
- Segal, R. A. (Ed.). (1996). *Anthropology, folklore, and myth*. New York: Garland Pub.
- Sobol, J. (1999). *The Storytellers' Journey: An American Revival*. Urbana: University of Illinois Press.
- Sobol, J. & Gentile, J. and Sunwolf. (2004) Once upon a time: an introduction to the inaugural issue. *Storytelling, self, society*, 1(1). [Online]. Retrieved July 10, 2009, from [http://www.courses.unt.edu/efiga/SSS/IntroInauguralIssueSSSJournal.htm](http://www.courses.unt.edu/efiga/SSS/IntroInauguralIssueSSSJJournal.htm).
- Thompson, S. (1932). *Motif-index of folk-literature; a classification of narrative elements in folk-tales, ballads, myths, fables, medieval romances, exempla, fabliaux, jest-books, and local legends*, Bloomington: Ind.
- Thompson, S. (1951). *The folktale*. New York: The Dryden press.
- Zipes, J. (1994). *Fairy tale as myth*. Lexington: University Press of Kentucky.